

IMAGENS VESTIGIOS DO TEMPO

Exposição de **EUVALDO MACEDO FILHO**





IMAGENS VESTIGIOS DO TEMPO

Exposição de **EUVALDO MACEDO FILHO**

GALERIA DE ARTES ANA DAS CARRANCAS
VERNISSAGE: 23 DE JANEIRO DE 2014 ÀS 19H
VISITAÇÃO: 24 DE JANEIRO A 27 DE MARÇO DE 2014
SEGUNDA A SEXTA, DAS 9H ÀS 20H

ENTRADA GRATUITA



A câmera, para mim é um instrumento mágico
onde eu toco* a fuga dos instantes
no tempo.

Eivaldo Macedo Filho

* gravo

Texto extraído do caderno de anotações:
“Caderno de babiliaques ou exercícios pra fazer a cabeça”
de Eivaldo Macedo Filho



Imagens, vestígios do tempo

O compositor Caetano Veloso disse que o rio São Francisco dorme. O jornalista Wilson Lins disse que, um dia, o rio poderia despertar de seu sono mágico, que tinha a duração de um instante misterioso na calada da noite. Teria Euvaldo Macedo Filho penetrado no segredo desse instante?

Nascido em 1952, falecido em 1982, o poeta e fotógrafo juazeirense teve seus últimos anos de vida marcados por uma atividade intensa, executando projetos fotográficos, colhendo referências artísticas, experimentando formas para o olhar. A presente Exposição quer fazer jus a um aspecto bem definido da obra do fotógrafo que ficou registrado em suas anotações pessoais e, assim entendemos, foi vazado nos artefatos produzidos, publicados ou não. Esse aspecto é a documentação deliberada de determinadas experiências sociais de *tempo*: tempo da navegação, tempo da infância, tempo da velhice.

Antes mesmo do auge da navegação, na época dos antigos currais, o rio São Francisco já era tido como “menino de recado” do Brasil, pelo vaivém que ele promovia entre espaços, populações, mercadorias. Por outro lado, estamos acostumados a chamá-lo de “Velho Chico”, senhor respeitável; manancial de muitas histórias, em um fluxo silencioso de memórias adormecidas;

testemunha, na mudez e na mudança, da agitação humana que o atravessa e circunda. Euvaldo captou essa dimensão social ampla do rio, menino e velho, quando decidiu filmar em super-8 o estertor da navegação, nos seus últimos dias de esplendor, nos fazendo lembrar a assertiva trágica de Susan Sontag: “Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de uma pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo”.

Também em suas notas, o fotógrafo faz várias menções a sua ideia de documento, de elaboração da memória social, que independia da comercialização ou mesmo da publicação da imagem, e para isso recorria a uma filiação acadêmica sofisticada – um verdadeiro “palavrão” – para a formação de um artista: ele queria fazer “Antropologia visual”.

Ora, mas para além da navegação, como atividade econômica e prática cultural localizada em determinado período da história desses espaços ribeirinhos, como podemos captar as facetas antropológicas do trabalho de Euvaldo? Suas referências artísticas, nesse sentido, são abundantes: a pesquisa modernista do Cinema Novo e de Glauber Rocha, a prosa de Guimarães Rosa, a paixão por imagens do cotidiano dos fotógrafos Henri Cartier-Bresson e André Kertész, dentre várias outras. Mas selecionamos, em particular, duas recorrências fotográficas na obra de Euvaldo, que nos dizem sobre como o humano se constitui a partir de dois momentos particulares da existência, a infância e a velhice. Tempos construídos e distintamente definidos em nossa



sociedade: um tempo de reserva, de investimento, de ludicidade; outro tempo de escuta, de sabedoria, de assentamento da experiência – infância e velhice são os tempos mais fecundos de narrativas, e, talvez por isso, Euvaldo, grande narrador visual, tenha escolhido esses dois pontos de vista marginais para narrar a passagem do tempo, para nos dar a ideia dos ciclos e da espiral temporal que nos habita, da fragilidade e do vigor simultâneos de que somos feitos.

Em particular, os retratos feitos por Euvaldo, além da circunscrição cênica, são ricos em vestígios faciais, em marcas de expressão psicológicas e instantâneas. Aquele cenho franzido, uma pose inesperada, um olhar surpreendido por sua Leica ou sua Rolleiflex não deixam de remeter ao tempo vigoroso no rosto infantil ou ao peso dos anos no rosto senil. Esses sinais fisionômicos são eles mesmos metáforas da fotografia de Euvaldo: num limite documental com ampla margem estética em suas composições, esse produtor de vestígios se utiliza do instante de produção do indício fotográfico para enriquecê-lo com sua arte, que antecede e sucede ao clique, e pôde se projetar para além de sua própria vida.²

Elson de Assis Rabelo

¹ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 26.

² DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012. p. 45-52



Conheci Euvaldo no clima dos “anos 70” ...

Conheci Euvaldo no clima dos “anos 70”. Tínhamos apenas vinte e poucos anos e muitos sonhos quando nos encontramos em Juazeiro da Bahia, nossa cidade natal, para onde estávamos retornando, após sair da universidade em Salvador, onde vivemos parte do ambiente dado naquele clima da época.

Deparamos um com o outro ao buscarmos recriar nosso ponto de partida, um local de onde alçamos nossos primeiros vôos, um novo lugar para nós. Nas rodadas entre os amigos ele era chamado de “cabeça de poeta”. Era então uma pessoa considerada especialmente antenada - sujeito capaz de perceber coisas incomuns nos aspectos mais simples do cotidiano mais comum, alguém que via sempre muito além da mesmice aparente, detalhes, sutilezas, minúcias. Ele encantava muita gente. A mim também.

Dava pra ver como gostava de conversar, gostava de escutar e também gostava de falar, embora só com algumas pessoas.



Quando encontrava estas, ele falava muito e facilmente e com intenso brilho nos olhos grandes, sempre abertos. Como se soubesse de tudo, um pouco do bem, um tanto do mal, o que ele dizia era com tanta naturalidade, que parecia nem ser tão jovem como era ainda. Parecia já conhecer a vida em seus modos diversos e entender suas variadas razões. E tinha um jeito muito próprio de dizer o que sentia.

Depois, convivendo com ele, entendi seus poderes: Euvaldo era todo aberto à vida, e podia captar suas pulsações. Vivia a espiar as pessoas: gestos, posturas e condutas. Rastreando sentimentos, ele adentrava nos “mistérios” da natureza humana, alcançando profundezas às vezes escondidas. E havia um rio que passava em sua vida quase todo dia. Durante certo período ele se dedicou a olhar atentamente o vai-e-vem das águas. Nesse cotidiano acabou se tornando um pescador do tempo, ficando de plantão nos movimentos da vida. Fazia meditações diante do caudaloso São Francisco. Surgiram poemas, nutriram-se amores e paixões e nasceram algumas canções.

Ao mesmo tempo, ele se botou a manejar a máquina fotográfica que recebera de seu pai, fazendo continuamente aquilo com uma disciplina de monge, e fazer fotografia tornou-se o seu fazer maior na vida. Assim, Euvaldo apreendeu a infância, a velhice e a navegação no rio, detectou tipos de pessoas, seus lugares e as diferenças, situações, os contextos, as marcas e



demarcações, sinalizou transformações em contingências, mesmo ainda irrealizadas. E registrou tudo em tantas e tantas fotografias...

Embora as imagens produzidas sejam de alguns instantes e tragam em si a fugacidade do tempo na fração do segundo em que passou o acontecimento, ainda assim suas fotografias nos possibilitam mais do que saber sobre parte do cotidiano que ele focalizou, conhecer sua “pegada” e a poética de sua abordagem, revelando também a pessoa que as produziu pela estética que expressa.

A infância, a velhice e a navegação nas imagens apresentadas nesta exposição podem também nos levar a encontrar, mesmo agora, passados mais de 30 anos do momento em que foram feitas, alguns elementos indispensáveis para pensar atualmente a realidade local ou regional e sua dinâmica social ao longo desses anos, possivelmente através de aspectos representados nas fotografias de certos momentos da vida social aí registrados.

E, não apenas no que tange às fases naturais da vida e aos significados que lhes são dados como elementos que compõem modos de existência socialmente produzidos naquele e no contexto atual. Mas também sobre o que se comunica com o que continua na virada de um tempo para outro, a



respeito de tantos outros aspectos além dos que estão em foco na temática desta exposição.

Os “cliques” infindáveis de Euvaldo e a poesia que ele encontrou no seu cotidiano resultaram na sabedoria destas fotografias que nos transmitem, sobretudo, valores que circulam (e significam as relações) entre pessoas. Expressos nas caras e bocas, em dentes e desdentados, em cabeças com cabelos penteados e assanhados ou descabeladas, nas brincadeiras e nos trabalhos e nas ocupações praticadas por cada sujeito em diferentes fases do tempo vital, sorrisos, choros, sustos, satisfações, prazeres e desgostos, jeitos e trejeitos, dizem também pelas vestes, papéis e cenas em representações dos modos de ser humanos, material e imaterialmente produzidos. Em meio à tenacidade de suas produções materiais, vê-se a fotografia e sua importância como técnica e arte.

Que, ao serem vistas as imagens legadas por Euvaldo, possamos compartilhar essa significação que aqui atribuímos a suas fotografias.

Odomaria Rosa Bandeira Macedo

07 de janeiro de 2014.

tudo começou quando? por acaso como pinta uma foto que a gente nem espera. o segundo. tudo. muito como eu sei que é tudo. tudo é mágico como viver é muito tudo. o olho e o relâmpago: clic. o bater das palpebras, a batida do coração, etc. olhar e ver são duas coisas muito diferentes. olhar até ver até crer. fé. ou um lance de olho de lince.

Fotografar: sensibilidade, bom gosto, etc. etc.

Fotografia, magia, ato de bruxo, bruxaria de amor. como vê a natureza o olho de deus? Fotelhar, foto grafar, fotografar, mostrar o.

a câmera - para mim é - é um instrumento mágico onde gravo a fuga dos instantes no tempo. fotografia: o mágico encanto. não sei se era claudel quem dizia que, se o mundo havia de ser salvo, seria pelos poetas. o grande defeito da fotografia é que ela foi inventada muito tarde. você não gostaria de ver a cara de napoleão depois de waterloo?



eu considero a imagem tão importante quanto a pala-
vra. a fotografia como linguagem de expressão.
ela, a fotografia, será a forma de arte do futuro.
meu olho é meu talento : vejo o clic.
as fotos perdidas quem sente ?
era só isso.
tudo é invenção.

a terceira margem da alegria.

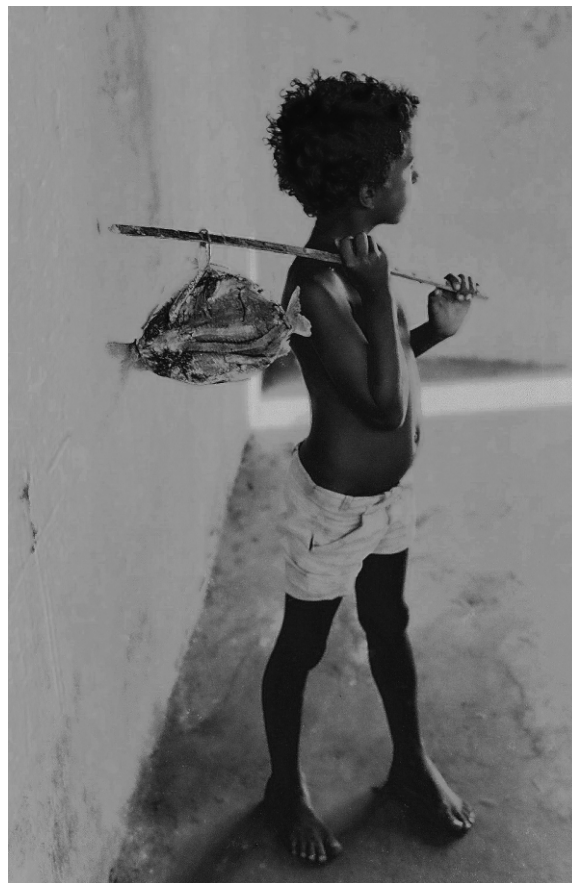
ainda sonho.

eivaldo



as águas são grandes porções de mágoa
e as mágoas são pequenas porções de
nada.

Euvaldo Macedo Filho



Serviço social do Comercio

Antônio Oliveira Santos - Presidente do Conselho Nacional

Maron Emile Abi-Abib - Diretor Geral

Nivaldo Pereira - Diretor de Programas Sociais

Márcia Costa Rodrigues - Gerente de Cultura

Caroline Souza, Leidiane Carvalho e Lúcia Mattos - Equipe de Artes Plásticas

Sesc Pernambuco

Josias Albuquerque - Presidente

Antônio inocêncio Lima - Diretor Regional

Wladimir Paulino Vilela - Diretor de Administração e Finanças

Teresa Cristina da Rosa Ferraz - Diretora de Educação e Cultura

Sílvia Cavadinha - Diretora de Atividades Sociais

José Manoel Sobrinho - Gerente de Cultura

Valkíria Dias - Analista de Artes Visuais

Morgana Brandão - Estagiária de Artes Visuais

Maíra Rosas - Assessora de Comunicação

Ficha Técnica – Imagens, Vestígios do Tempo

Curadoria - Elson de Assis Rabelo

Textos Críticos - Elson Rabelo de Assis Rabelo e Odomaria Bandeira

Expografia - A.C.Coelho de Assis

Material Educativo - Fabiane Pianowski e Rudi Antunes

Assistente de Produção - Carmem Moraes e Chico Egídio

Mediação Educativa - Rafael Sisant, Évelin Feiffer e Tiago Alves

Revisão de Textos - Renata Pimentel

Designer Gráfico - André Vitor Brandão

Iluminação - Carlos Tiago

Montagem - André Vitor Brandão e Fernando Pereira

Pintura - Jorge Pacheco

Agradecimentos

Odomaria Rosa Bandeira Macedo, pelos direitos de utilização das fotografias e textos de Euvaldo Macedo Filho, assim como, pela colaboração no processo de produção da exposição.



Euvaldo Macedo Filho

Onde eu nasci passa um rio e o
tempo voa como um passarinho

Euvaldo Macedo Filho



--	--	--	--	--	--	--	--	--

Um dia,
meu dia vai chegar...
vou beber outros Luares
abrir outras cancelas
ouvir outros chocalhos.

Euvaldo Macedo Filho

